

# A Saudade de Pascoaes e os Mitos Pessoanos:

## - repensar a ilusão

Dina Aparício (Universidade Aberta - Lisboa)\*

**Resumo:** A capacidade de autognose de um povo reside na compreensão do seu imaginário. O mito e a lenda permitem-nos apreender aquilo que tem de mais característico e conhecer o seu poder é encontrar o caminho para uma realidade coletiva mais sólida.

A saudade - força criadora e vivência inconsciente do mito - condiciona a nossa relação com o Tempo. Pascoaes teorizou-a, Pessoa fantasiou-a e Eduardo Lourenço interpretou-a, fazendo-nos repensar a nossa identidade. Ao longo de oito séculos, suspeitámos da nossa fragilidade, mas, acreditando que éramos um povo predestinado para grandes feitos, esquecemo-nos que somos, apenas, um povo entre os outros.

**Palavras-chave:** Pascoaes; saudade; Pessoa; sebastianismo; Eduardo Lourenço

### I - A Saudade de Pascoaes

Teixeira de Pascoaes, o poeta-filósofo mentor do movimento da “Renascença Portuguesa”, surgido da necessidade de renovação social trazida pelo regime republicano, destacou-se por ter sido o teorizador da saudade, o precursor do saudosismo, ao ver neste sentimento-ideia a solução filosófica para o reencontro de Portugal consigo próprio, no sentido de voltar à identidade perdida. Na sua obra, “encontram-se, conciliam-se duas das linhas principais da estrutura portuguesa, a do *sebastianismo* e, mais antiga ainda, a do *saudosismo*” (QUADROS, A., 1982: 89). As suas conferências sobre *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo* e *O Génio Português* foram pronunciadas em 1912 e 1913 e, com elas, o autor divulga as linhas orientadoras do seu pensamento filosófico.

Incompreendido pela sua época, isolado na sua maneira genuína de ser português, não teve o reconhecimento que lhe era devido pela sua grandeza como português comprometido com o projeto de renovação social e cultural do seu país. Visionário, não se limitou a questões práticas de organização político-social, mas debruçou-se sobre o lado mais íntimo do ser humano, que é a consciência do homem como elemento de um universo onde busca a harmonia e a perfeição. Como

afirma Jorge de Sena, “Pascoaes era daqueles que, humildemente, se sabem grandes” (1981: 177) e, a partir do olhar puro dos que ainda acreditam no homem, deu voz a “uma poesia de contemplação e de saudade, que proclama a futuridade do Homem e de Deus. [...] Uma poesia de esperança, de redenção, de liberdade, de suprema alegria, e todavia redundante de formas espectrais, de cinzas idas, de lágrimas e prantos” (1981: 187).

A saudade, sentimento-ideia que perpassa a nossa identidade desde a nossa ancestralidade<sup>1</sup>, é aquilo que a alma nacional tem de mais genuíno e, segundo Pascoaes, “fazer reviver no povo português a alma portuguesa [...] é imprescindível para que Portugal viva, entre os outros países, uma vida própria e bela, independente, portanto” (PASCOAES, T., *apud* PEREIRA, J.C. S., 2004: 436). Mais do que lembrança melancólica da ausência, é dor e alegria, espírito e matéria, força criadora latente no sangue português. A saudade é memória transcendente da origem divina do homem e, como tal, desejo de retornar à harmonia primordial. Embora possa ser a base da reconstrução da Pátria, adquire uma dimensão universal no momento em que o homem português, ao vivê-la como religião, tem a possibilidade de se reencontrar a si, como ser universal, e retomar a sua ligação com a unidade cósmica perdida no momento da criação. Não significando materialização da ideia divina, a criação, segundo a filosofia saudosista, em vez de ser luz é sombra, um erro divino através do qual Deus afastou o homem de si, vedando-lhe o acesso à unidade e impondo-lhe o penoso caminho material.

Fazer renascer a identidade portuguesa à luz da filosofia da saudade pressupunha, mais uma abordagem educativa, um plano pedagógico, a que Teixeira de Pascoaes deu forma na obra *Arte de Ser Português* (1915), que devia ser trabalhada no final do curso dos liceus, a fim de assegurar a uniformidade de princípios essencial a um projeto de renovação cultural. Esta obra, pelo seu caráter orientador, sistematiza os aspetos essenciais do pensamento saudosista pascoaseano, desde o conceito de saudade como alma-Pátria, passando pelas suas origens, elucidando-nos sobre a sua manifestação no indivíduo e na sua ação social, apontando a “«admirável concordância» que existe entre a «lenda sebastianista, o sentimento poético e religiosos que ela encobre, o génio da língua», o «Cancioneiro do Povo», a «primitiva alma da nossa Igreja», a «alma da nossa paisagem» e as «obras da nossa autêntica literatura»” (QUADROS, A., 1982: 90). É o próprio Pascoaes que afirma:

*O fim desta Arte é a renascença de Portugal, tentada pela reintegração dos portugueses no caráter que por tradição e herança lhes pertence, para que eles ganhem uma nova atividade moral e social, subordinada a um objetivo comum superior. Em duas palavras: colocar a nossa Pátria ressurgida em frente*

---

<sup>1</sup> Conforme comprova Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1996), na obra *A Saudade Portuguesa*, Guimarães Editores (Lisboa).

A Pátria portuguesa é um ser espiritual que depende da vida individual dos portugueses. Para que ela continue a existir, é necessário que cada um de nós exista verdadeiramente, animado pelo espírito de viver em absoluto, incentivado pelo fulgor do sonho de além que inspirou os nossos antepassados na criação da portugalidade, na definição das nossas fronteiras e na empresa das Descobertas onde se revelou a nossa capacidade para a vivência universal. Pascoaes (1998) destaca o espírito de aventura que faz parte do nosso ser e o espírito messiânico que o alimenta, o eco dos mitos que ressoam na alma lusa como garantia da luta pela independência e pela liberdade.

Sem perder a noção da realidade, o autor refere que “o português é um herdeiro esbulhado dos seus bens materiais e espirituais” e que “elevamos quimericamente as pequenas coisas de hoje à grande altura das antigas” (1998: 102), daí a urgência do conhecimento da essência espiritual desta raça de descobridores. A saudade espiritual e criadora, o culto da alma pátria, imbuída da sombra do Encoberto, encontra no sebastianismo a expressão mítica e divinizada da dor pela morte da nossa grandeza material, “em sombra noturna, o futuro sol da Renascença” (*ibid*, 117). A Renascença será o Quinto Império, “o alto destino imposto a Portugal pela Tradição e pela Herança” (*ibid*, 119). Na sua obra, destacam-se os poemas sebasticos «Aos Lusíadas», de 1917, e «Oração Sebastianista», de 1922, em que o mito adquire uma tonalidade céltica, de lenda e de símbolo. D. Sebastião, tal como o rei Artur, habita uma ilha de névoa e corporizar-se-á “metaforicamente no nosso ser” (QUADROS, A., 1982: 90).

Segundo Pascoaes, o homem, um misto de Inferno e Paraíso, tem a tarefa de compreender a sua existência, a sua imperfeição, redimindo a sua insatisfação pelo sentimento saudoso. Ao poeta, como intermediário entre Deus e a humanidade, cabe a missão de um eterno Prometeu - a de transmitir a verdade ao mundo e não permitir a extinção da chama divina que conduz o homem na sua aventura terrena, cantando a saudade para lhe lembrar a sua origem divina e a possibilidade de regresso.

A referência ao saudosismo de Pascoaes ficará incompleta se não mencionarmos o papel de visionário atribuído ao poeta, em cujas palavras ressoa aquilo que tem de divino a alma humana. A alma do poeta tem o privilégio de (re)conhecer a origem divina de que nunca se separou por completo, sendo, por vezes, o seu discurso confundido com o da loucura, a expressão da potência de liberdade e criação, o sopro divino que inflama a alma humana pela recordação da origem. Em

---

<sup>2</sup> Itálico do autor

Pascoaes, a loucura do poeta é a “alegoria ou metáfora apenas de uma Razão absoluta, ou seja, como imagem nos limites humanos da consumação ainda da Sabedoria e ou Lei supremas que a tudo possibilitam, ordenam e justificam” (BORGES, P., 2002: 155).

## II - Os Mitos Pessoanos

Fernando Pessoa contacta com Teixeira de Pascoaes através da revista *A Águia*, para a qual escreve os artigos “A nova poesia sociologicamente considerada” e “A nova poesia portuguesa no seu aspeto psicológico”, com que devia apoiar, criticamente, o movimento saudosista. De facto, reconhece a necessidade de uma renovação da identidade nacional, o surgimento de individualidades de valor, tal como a gravidade do período de crise de mentalidades que, na altura, ameaçava fazer ruir toda uma cultura de um povo. Em consonância com as intuições proféticas de Teixeira de Pascoaes, refere-se à “futura civilização lusitana” e ao “futuro glorioso que espera a Pátria Portuguesa”. Contudo, anuncia o aparecimento de um grande poeta - um “supra-Camões” que destronará Camões e a quem cabe a busca da “tal Índia que não vem nos mapas”, criando o “supra-Portugal” do futuro (TEIXEIRA, L. F. B., 1997: 58). Camões não o satisfaz como representação da alma nacional, pois considera-o “desnacionalizado” devido à forte influência italianizante da sua poesia, tal como ao catolicismo que emana da sua obra (TEIXEIRA, L. F. B., 1997: 92). Pessoa deixa, assim, claro que pretende superar o saudosismo de Pascoaes e que não se identifica com a estética da saudade, pois considera-a vaga, emotiva e alegórica, embora partilhe do ideal de (re)criar a identidade nacional. Por outro lado, também não se identifica com o panteísmo de Pascoaes, que pretende ser uma síntese do naturalismo pagão com o espiritualismo cristão. Prefere um paganismo à grega, liberto do jugo de Roma e da igreja católica, defendendo a construção de um sentimento patriótico e de uma religião em se fizesse a apologia da transcendentalização do paganismo, seguindo a tradição dos romances de cavalaria, em especial da Demanda do Graal.

Em 1915, deixa de se identificar com *A Águia* e, juntamente com Mário de Sá-Carneiro, introduziu entre nós o Modernismo que, por sua vez, se corporizou no chamado grupo do “Orpheu”, que integra as várias personalidades que colaboraram nos dois números publicanos da revista com o mesmo nome. Afirma-se como modernista e aproxima-se do simbolismo, enquanto Teixeira de Pascoaes faz o percurso inverso, afastando-se do simbolismo que, na sua opinião, é feito de nuances e de ilusões de alma (*ibid.*, 55). Neste ponto, os dois poetas enveredam, não por caminhos opostos, mas diferentes - Pascoaes recusa a nuance, que significa morte e ilusão<sup>3</sup>, e prefere o mistério

---

<sup>3</sup> Lembremo-nos da “beleza do mal” de Baudelaire...

contido no saudosismo poético e que é sinónimo de vida, de realidade e de comunicação apaixonada com as coisas; Pessoa, numa postura mais cosmopolita, experimenta novos conceitos estéticos provenientes do simbolismo francês, através da criação do que será o Paúlismo, o Interseccionismo e o Sensacionismo, buscando o jogo entre a objetividade e a subjetividade, tal como a simbiose dos contrários (*id.*).

Daqui resultará um percurso independente e solitário que não encontrou paralelo entre os poetas do primeiro modernismo, como Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Caminhando em direção oposta à busca da unidade que Pascoaes defendia, Pessoa dirige-se para a pluralidade, para a expressão da diversidade que sentia em si e que afirmava como solução para a crise do indivíduo e da nação. Álvaro de Campos, o seu heterónimo mais modernista - o mais expansivo e ousado - assume o corte com a história e a tradição nacionais e defende o futurismo de Marinetti como a resposta que Portugal procura, fazendo a apologia do progresso e do cosmopolitismo universalista, de que é ilustrativa a célebre “Ode Triunfal”.

O seu entusiasmo modernista parece ficar, no entanto, limitado às “Odes” de Álvaro de Campos, pois, mesmo o seu “Ultimatum”, que pretendia ser um “grito de liberdade” cosmopolita, contém, segundo Leyla Perrone Moisés, “uma declaração lusitanista e messiânica” que “reafirma o elo, jamais quebrado, de Pessoa com o saudosismo” (MOISÉS, L. P., 1991: 22), pois o objetivo que originou o “Ultimatum” é o mesmo que moveu a “Renascença Portuguesa”: - ressuscitar a Pátria.

Fernando Pessoa, em 1914, dois anos após a profecia do “supra-Camões”, contactou Sampaio Bruno, que tinha escrito uma obra sobre o sebastianismo, para que lhe indicasse livros sobre o tema. Começou a escrever a *Mensagem*<sup>4</sup>, um poema épico-lírico tripartido, de cariz simbólico e esotérico, que expressasse uma interpretação mística e profética do passado (CRESPO, A., 1988: 25). Esta obra, em que culminará o trabalho e o estudo de uma vida inteira, concentra em si toda a ideologia pessoana no que concerne à alma nacional e ao compromisso patriótico do super-poeta que profetizara.

[...] Cria um Portugal mítico, porque o real não o satisfaz, nem pela mentalidade acanhada, nem pelas instituições em crise. O seu Portugal não é o das conquistas nem o do *status quo*, mas o das Descobertas: é evolutivo, universalista, difusor de cultura, ultrapassando pelo espírito as suas fronteiras materiais (GOMES, M. A., 1993: 92).

---

<sup>4</sup> A ideia definitiva da obra só ficou concretizada em 1928 e a sua publicação deu-se em 1934.

Consciente do seu compromisso com a pátria, “interveniente no viver social quando as circunstâncias o pedem e as suas convicções lho ditam” (*ibid*, 91), dedica-se à Maçonaria e ao esoterismo, em busca das respostas que procura e que servirão o *seu* Portugal.

A possibilidade da emergência de um novo Portugal e de uma modernidade aberta ao futuro surge no sebastianismo racional<sup>5</sup> como religião, tendo por base um messianismo de origem nietzschiana, com a noção do homem total implícita, personificada por D. Sebastião, o jovem rei português caído na batalha de Alcácer-Quibir. Rejeitando o que é estranho à nossa essência nacional, alicerçando no reencontro da tradição o reencontro da alma, Pessoa busca nas quadras proféticas do Bandarra, o poeta sapateiro de Trancoso, o rumo a seguir, porque o considera a “Voz do Povo”, genuína e visionária. Acreditava que a moral de uma nação só se podia levantar com recurso à “construção ou renovação e a difusão consequente e multimoda de um grande mito nacional” (PESSOA, F., 1986: 165). Afirmando que o mundo não quer ouvir a verdade e que só se move em função da encarnação de uma mentira delirante - o sonho -, reconhece no mito sebastianista a estrela-guia da nação: “Temos, felizmente, o mito sebastianista, com raízes profundas no passado e na alma portuguesa. Nosso trabalho é pois mais fácil; não temos que criar um mito, senão que renová-lo. Começamos por nos embebedar desse sonho, por o integrar em nós, por o encarnar” (*id*). O Desejado não seria uma pessoa, mas um estado de coisas, uma cultura, um império universal, civilizacional, andrógino, alheado do cristianismo, mas impregnado de ocultismo. D. Sebastião, mais do que um simples rei, é, à luz do sebastianismo, a própria alma da nação.

O Quinto Império, que se afigura como o futuro de Portugal, não é o império físico e material cantado por Camões n’*Os Lusíadas*, mas é um império espiritual, atemporal, a que só terão acesso os iniciados. O “supra-Camões” é o mensageiro do novo imperialismo de poetas que encontra nos intelectuais a perpetuação para além dos tempos. Como escreve Fernando Pessoa, “O imperialismo de poetas dura e domina; o dos políticos passa e esquece, se não o lembrar o poeta que os cante” (*ibid*, 180), reconhecendo o papel da palavra na construção e conservação da memória coletiva. A possibilidade de redenção cósmica, que Pascoaes atribuía à saudade, vislumbra-se no messianismo lusíada, no profetismo e na utopia condensados na *Mensagem* de Pessoa, como o início de um percurso metafísico e ontológico, em que a revelação da verdade e da existência se farão pelo caminho do espírito.

---

<sup>5</sup> “Sebastianismo racional”, porque assenta numa construção racional, no fingimento criativo.

“O mito é o nada que é tudo” (PESSOA, F., 2008: 35), aquilo que define o destino do Homem. Por essa razão, temos nos nossos genes homens como Viriato e o Infante D. Henrique, depois de Ulisses ter aportado em Lisboa, o centro do império físico e espiritual. Fomos escolhidos e temos de cumprir o nosso destino. D. Sebastião vive nas nossas almas e espera ser libertado para nos conduzir mais longe. O sonho surge do mito e torna o homem num ser insatisfeito, com uma fome constante de Absoluto, como se a sua alma ouvisse os apelos de um passado glorioso em que os heróis arriscavam tudo para engrandecerem a pátria. A capacidade de sonhar é o que leva o homem mais longe, permitindo-lhe vencer o medo, perseguir o Infinito e ver o invisível, o que permite uma leitura dialógica com a *Demanda do Santo Graal*, não só ao nível da expressão, como pelo conteúdo ideológico que inclui o messianismo, a esperança no regresso de um rei divino que terá a seu lado os “escolhidos”, aqueles que sabem ler os “sinais”, os iniciados. Tal como os cavaleiros da Távola Redonda, também os fundadores do Quinto Império terão de ser puros, depois do percurso terreno, sofrido, catártico, cuja recompensa é a revelação, o encontro com a luz e na luz - o Graal.<sup>6</sup> Esta analogia remete-nos para as referências crísticas que acabam por surgir na *Mensagem* e que revelam que Pessoa repensou as suas ideias modernistas de religião, cingidas ao panteísmo universal.

O nacionalismo místico de Pessoa alcança um pendor universalista ao integrar o sonho como supremo destino do homem, importando “recordar que Portugal era e é um sinal, um símbolo, podendo representar qualquer nação, seja esta uma pátria ou um simples ser humano (que nunca é simples nem uno)” (Zenith, R., 2008: 15). A *Mensagem* ultrapassou os limites geográficos, históricos e humanos do nosso país. O seu autor dirigiu-se à humanidade, assegurando-lhe que “é sempre a Hora [...] para todos - países ou pessoas - estarem atentos aos símbolos e avisos do Destino, aproveitarem as lições de toda a sua história vivida e, assim, armados, agirem como podem e serem tudo o que são” (*ibid.*, 16).

### III - Repensar a Ilusão

Após esta breve exposição, atentemos, agora em determinados pontos que nos parecem ser de especial importância quando se enceta uma abordagem dialógica entre dois autores como Pascoaes e Pessoa, no que concerne às propostas que cada um apresentou, no início do século XX, como resposta à crise de identidade que o País atravessava e se refletia, inevitavelmente, no panorama cultural, social e político. Unidos por um ideal comum, que era o ressurgimento de

---

<sup>6</sup> Opinião desenvolvida por Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, numa conferência intitulada “A *Mensagem* e o Espírito da Cavalaria”, in *Actas do IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, I Vol, pp. 479-483.

Portugal, tiveram, como ponto de partida, a possibilidade de intervenção social proporcionada pelo movimento da “Renascença Portuguesa”. Pascoaes teorizou o saudosismo, fundamentado no sentimento-ideia da saudade, o lirismo de inspiração étnica ou quimérica que se tornou uma filosofia de caráter universal, meio através do qual se sublima a angústia humana e se regressa à espiritualidade, ao paraíso. Mais do que poesia, a saudade é filosofia - filosofia universal da individualidade, em que a unidade de cada ser, no momento da sua revelação, conduz o indivíduo à vivência plena de si, da natureza e do universo, numa possibilidade de redenção e harmonia totais.

Fernando Pessoa almeja esse estado de harmonia plena ao teorizar o mito sebastiano como religião. O sebastianismo fundamenta-se, antes de mais, no sentimento saudoso originado pela ausência de D. Sebastião e pela angústia da incerteza com que o destino nacional foi confrontado. Desta forma, seguindo este raciocínio, não estaremos a ser ousados ao afirmar que Pessoa recorreu ao saudosismo de Pascoaes para dar consistência ao mito do Encoberto. Tal como acontece na saudade como processo de autognose, a busca da verdade, a procura messiânica, vem de dentro. A unidade de Pessoa, como a de Pascoaes, é transcendente, apesar de se canalizar para o exterior, na pluralidade do *eu*, na sua capacidade de se *outrar*, ideia para que converge o caráter esotérico da *Mensagem*. A linguagem dos símbolos não reconhece nações ou indivíduos em particular, é universal.

Tanto o saudosismo como o sebastianismo são messiânicos e proféticos, pois anunciam o advento da nova era lusíada. Em Pascoaes, a saudade é palavra-mistério que encerra em si o poder metafísico e ontológico da ligação ao transcendente, conceito que está explícito no sebastianismo como rumo do homem que, movido pela fome de Infinito, se move em direção à luz.

A saudade é memória, consciência da essencial temporalidade do ser que não tem nem pode ter sobre si mesmo mais alta contemplação que a de si como passado em transe de futuro. O sebastianismo seria assim memória presente do bem anterior à nossa morte moral em Alcácer Quibir, um avatar da saudade lusíada (LOURENÇO, E., 1999: 140-141).

Afinal, ao contrário daquilo que apregoara durante o (curto) movimento modernista português, Pessoa não foge à tradição nacional, sendo inevitavelmente arrastado para ela o que, na nossa perspetiva, resulta de um processo de amadurecimento da sua própria identidade - plural - e do facto de ser um autor que investiu todas as suas energias no renascimento português. Na verdade, “não fará mais do que extrair todas as consequências da visão de Pascoaes ao reintegrá-lo de novo num horizonte histórico preciso - o da nossa aventura portuguesa” (*ibid*, 141).

Relembramos, ainda a este propósito, a proximidade entre o *fado* português, sentimento saudoso tornado canção, e a saudade de Pascoaes, no que se refere ao sofrimento e à dor causados



pelo abandono divino que ambos exprimem. Ao explicar a relação entre *fado* e sebastianismo, Pessoa descreve-o como “o cansaço da alma forte, o olhar de desprezo de Portugal ao Deus em que creu e também o abandonou. No fado os Deuses regressam legítimos e longínquos. É esse o segundo sentido da figura de El-Rei D. Sebastião” (PESSOA, F., 1986: 155), o que nos leva a concluir que, pelo seu caráter redentor, a saudade e D. Sebastião são uma única e indissociável entidade, perspetivada de ângulos diferentes, opinião reforçada por aquilo a que Leyla Perrone-Moisés apelida de “O Futurismo Saudosista de Fernando Pessoa”, lembrando o desejo “futurante” e não futurista de Álvaro de Campos que, no seu “Ultimatum”, “prospeta, profetiza e deseja um futuro utópico, para Portugal e para o mundo, um futuro que será o «outrora de agora»” (1991: 23).

Como temos vindo a insistir, a *Mensagem* de Pessoa é uma obra profundamente simbólica. A sua estrutura é tão intricadamente esotérica, que apenas os “iniciados” na linguagem dos símbolos a podem compreender, o que nos remete para a influência das correspondências de Baudelaire, o simbolismo como linguagem hermética que exige, do leitor, uma maior proximidade com a essência do Verbo para que se a inteligibilidade da mensagem se efetive. Entra aqui a importância do poeta como emissário e descodificador da linguagem do espírito, que é a linguagem poética - o murmúrio de Deus na alma humana. Neste ponto, encontramos mais uma significativa convergência entre os pensamentos de Pessoa e Pascoaes. Voltamos a lembrar o “supra-Camões” de Pessoa que, somos levados a crer, não pretendia destronar Camões, mas superá-lo, dar continuidade àquilo que ele iniciou e que, por óbvias condicionantes temporais e epocais, não pôde fazer. Este anunciado “supra-Camões” não era mais que o próprio Pessoa que, na sua capacidade de se heteronimizar, trilhou um caminho único na literatura e na cultura portuguesas que culmina com a concretização do projeto da *Mensagem*, uma obra que, lado a lado, com *Os Lusíadas*, se tornou a base de uma imagem portuguesa que, ainda hoje, passadas quase oito décadas continua a ser (re)descoberta.

A saudade é um sentimento universal que adotámos como nosso, por meio do mistério que a palavra, intraduzível em toda a sua pureza, transmite. Sentimento sebástico ou recordação divina, pouco importa, porque a sua essência é parte integrante da sensibilidade humana. Como refere Eduardo Lourenço,

Encontraram um nome para ela que, ao fim de longos séculos, amando-a como o *verbo escuro* de uma criação que tudo envia à noite, só nos deixa o rasto apenas evocável do que foi, não do que é. O que nós não somos – porque nada o é – como realidade somo-lo se como ausência o amamos, e, através desse amor, lhe conferimos existência, apenas, mas sem limites, *saudosa* (1999: 64).

“A minha Pátria é a língua portuguesa”, escreveu Pessoa, pretendendo associar o conceito de existência à nossa capacidade de expressarmos o intraduzível. A saudade, verbalização da ausência e

do desejo, traduz esta alma sonhadora que sempre aspirou ao sublime, ao infinito, ao absoluto, que, envolta em nevoeiro, procura incessantemente o que não tem.

Por isso, na obra *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade* (1999), Eduardo Lourenço defende que conhecer a nossa mitologia e a forma como ela age sobre nós enquanto povo é encontrar o caminho para uma realidade coletiva mais sólida e concreta. O autor, sendo um português do mundo, transmite-nos a sua visão de nós vistos do interior e do exterior, simultaneamente como um de nós e como estrangeiro, uma perspetiva baseada na problematização da nossa história e do nosso quotidiano, abrangente e psicanalítica, essencial para a compreensão do passado e a projeção do futuro. O que caracteriza e define um povo? O que é o destino de um povo? Qual o papel da mitologia nesse destino e no percurso concreto que um povo faz ao longo da história? Qual a influência que a vivência inconsciente do mito tem na forma como nós, portugueses, nos relacionamos connosco e com o mundo e nas expectativas que temos para o presente e para o futuro? De que forma a nossa vivência do mito nos aproxima ou isola dos outros povos? Qual a relação entre os mitos e a saudade? - Questões aparentemente banais que são desenvolvidas nesta obra, em ensaios que, atrever-nos-íamos dizer, resultam de uma demanda pessoal e se transformam num instrumento precioso para o conhecimento da Cultura Portuguesa, com todas as áreas que ela engloba, como a Literatura, a História, a Política e a Economia... O autor tem o mérito de procurar as respostas no único lugar onde elas existem - no próprio indivíduo, enquanto povo e ator da história.

Em “Portugal como Destino”, ensaio de 1998, e em “Mitologia da Saudade”, um conjunto de ensaios publicado em França, em 1997, o autor apresenta-nos as suas reflexões sobre o destino português, o seu percurso histórico e mitológico, desde as origens até à atualidade, ao contexto pós-25 de Abril, incidindo também sobre o tema da saudade. Magistralmente, somos surpreendidos por uma fluente articulação da Cultura, da História e da Literatura que nos oferece uma visão global, um grande palco em que desfilam, lado a lado e em interação uns com os outros, os nossos autores e obras de referência, os atores e acontecimentos históricos de cada época, unidos no objetivo comum de clarificarem a nossa identidade e o nosso destino. Neste contexto, Eduardo Lourenço assume a mágica função de colocar as perguntas certas e de nos guiar pelo percurso histórico-literário português, por um verdadeiro labirinto em que a realidade e a fantasia se confundem, impedindo-nos de ver com clareza quem somos, de onde vimos e para onde vamos.

Na primeira parte da obra, o autor destaca a “estranha permanência” discernível na identidade de um povo, a sua alma, como aquilo que lhe assegura a continuidade e lhe permite afirmar-se no mundo, independentemente de todas as vicissitudes históricas.

Antes da plena consciência de um destino particular – aquela que a memória, como crônica ou história propriamente dita, revisita -, um povo é já um futuro e vive do futuro que imagina para existir. A imagem de si precede-o como as tábuas da lei aos Hebreus no deserto. São projetos, sonhos, injunções, lembrança de si mesmo naquela época fundadora que, uma vez surgida, é já destino e condiciona todo o seu destino. Em suma, mitos (LOURENÇO, E., 1999: 10).

Os mitos do Messianismo, do Sebastianismo e do Quinto Império dão forma à alma portuguesa e têm uma relação íntima com o desassossego dos portugueses enquanto povo, manifestando-se no isolamento relativamente à Europa, ao longo da sua história, desde o início das Descobertas, com a procura de um refúgio além-mar onde se pudesse cumprir o seu destino de povo predestinado e protegido pela entidade divina. O mito tem sido o guia de Portugal na busca de si próprio e do seu lugar no mundo e muitos são os autores que captam na sua produção literária essa influência que se corporiza do descontentamento, na melancolia, na nostalgia e na saudade que, enquanto sentimentos que nos fazem permanecer tragicamente ligados ao passado, nos impedem de aceder a uma imagem clara e realista de *nós* como povo - um povo como tantos outros, com todas as suas especificidades, com as suas forças e fragilidades.

Esta postura de estarmos sempre à espera que o nosso destino se cumpra tem-se tornado um obstáculo ao nosso acesso à Civilização e tema constante na obra de Eduardo Lourenço. Enquanto acreditarmos que fomos eleitos pelo transcendente, que D. Sebastião virá, numa manhã de nevoeiro, para nos conduzir ao Império espiritual que vai ser a nossa realização suprema, não nos conseguiremos sintonizar na realidade imediata que exige a nossa atuação determinada e concreta. Enquanto estivermos isolados no nosso refúgio onírico do passado e dum futuro sonhado, o processo da nossa decadência acentua-se, tal como Antero de Quental, defendeu com “As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares”, numa tentativa de nos fazer acordar para aquilo que somos e para o que nunca poderemos ser. A Geração de 70 destacou-se pelo esforço de tentar revolucionar a cultura portuguesa, libertando-nos da dormência em que séculos e séculos de cristianismo e messianismo nos deixaram e consciencializando-nos da urgência da ação do indivíduo na vida social. A europeização acabou por chegar até nós, com a inevitabilidade dos progressos técnicos da Revolução Industrial, mas, entretanto, com o Estado Novo, voltámos a adormecer e a ficar longe dos *outros*... Veio a tão ansiada liberdade com a Revolução dos Cravos, os modelos poético-míticos foram substituídos por um modelo de vocação revolucionária e universalista, mas o nosso desconcerto não desapareceu como que por magia. Continuamos sem saber quem somos, agora perdidos numa “aldeia global”, eufóricos e seduzidos por uma sociedade artificial que mais não faz do que alimentar-nos o nosso sonambulismo.

É nesta sociedade, tão díspar da nossa essência que, ao longo da história, a alma portuguesa

encontra o seu refúgio transcendente na saudade, no sonho e na fantasia. Somos um povo de poetas-sonhadores, que encontra no onírico o sentido de uma existência insatisfeita, atribuindo à espiritualidade um papel determinante na busca do ser e, até, da própria imortalidade. Camões imortalizou-nos com o seu poema, a prova da nossa verdade, e Fernando Pessoa, obcecado pelo não-tempo, o tempo transcendente, sublime e superior a qualquer realidade palpável, deu continuidade, pelo sonho, aos mitos imperiais aflorados n’*Os Lusíadas*. Eduardo Lourenço, a voz da nossa razão crítica, alerta-nos para a necessidade de tomarmos consciência de nos olharmos com objetividade, pois

o imaginário cultural instala-se voluptuosamente no puro sonho. [...] Teixeira de Pascoaes [...] dará à saudade romântica um alcance cósmico. [...] Com [ele] estamos decididamente, sem concessões, na esfera evanescente e visionária do pensamento e da imaginação mítica. [...] Fernando Pessoa [...] encarrega-se de reconduzir a saudade ao tempo, realidade misteriosa de que a saudade é uma das manifestações (*ibid.*, 153).

Ao longo de oito séculos de existência, suspeitámos da nossa fragilidade, mas alimentámos o engano, a autoimagem simbólica de um povo anónimo predestinado para grandes feitos. Como refere Eduardo Lourenço, Portugal deve, finalmente, aceitar-se como “um povo entre os povos. Que deu a volta ao mundo para tomar a medida da sua maravilhosa imperfeição”(*ibid.*, 83).

\*mestranda em Literatura e Cultura Portuguesas

### **Bibliografia Ativa**

PASCOAES, Teixeira de (1998) - *Arte de Ser Português*, 3ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim.

PASCOAES, Teixeira de (1990) - *Marânus*, Lisboa, Assírio & Alvim.

PESSOA, Fernando (2008) - *Mensagem*, 4ª ed., Cruz Quebrada, Oficina do Livro.

PESSOA, Fernando (1986) - *Portugal, Sebastianismo e Quinto Império. Obra em Prosa de Fernando Pessoa*, Mem Martins, Europa-América.

### **Bibliografia Passiva**

AAVV (2006) - *Mensagem de Fernando Pessoa - 70 Anos Depois*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras.

- BERARDINELLI, Cleonice (1985) - *Estudos de Literatura Portuguesa*, Temas Portugueses, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- BORGES, Paulo A. E., (2002) - *Pensamento Atlântico - Estudos e Ensaio de Pensamento Luso-Brasileiro*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- CARDOSO, Miguel Esteves (1998) - “Prefácio”, in, PASCOAES, Teixeira de (1998) - *Arte de Ser Português*, 3ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim.
- CARVALHO, Rómulo de (1995) - *O Texto Poético como Documento Social*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CRESPO, Ángel (1988) - *Estudos sobre Fernando Pessoa*, Lisboa, Teorema.
- CRESPO, Ángel (1990) - *A Vida Plural de Fernando Pessoa*, Venda Nova, Bertrand Editora.
- GOMES, Maria Amélia (1993) - “Onde se surpreende o sentido pragmático do seu sebastianismo”, in PESSOA, Fernando - *Pessoa Inédito* [coord. Teresa Rita Lopes], Lisboa, Livros Horizonte.
- GUIMARÃES, Fernando (1988) - *Poética do Saudosismo*, 1ª ed., Lisboa, Presença.
- LOURENÇO, Eduardo (1990) - “Prefácio”, in, PASCOAES, Teixeira de (1990) - *Marânus*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- LOURENÇO, Eduardo (2005) - *O Labirinto da Saudade*, 4ª ed., Lisboa, Gradiva.
- LOURENÇO, Eduardo (2008) - *Fernando Pessoa - Rei da Nossa Baviera*, 1ª ed., Lisboa, Gradiva.
- LOURENÇO, Eduardo (2003) - *Pessoa Revisitado*, 4ª ed., Lisboa, Gradiva.
- LOURENÇO, Eduardo (1999) - *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, 2ª ed., Lisboa, Gradiva.
- MOISÉS, Leyla Perrone (1991) - “O Futurismo Saudosista de Fernando Pessoa”, in *Actas do IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, II Vol, pp.17-27.
- MONGELLI, Lênia M. M. (1991) - “A Mensagem e o Espírito da Cavalaria”, in *Actas do IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, I Vol, pp.479-483.
- PESSOA, Fernando (1993) - *Pessoa Inédito* [coord. Teresa Rita Lopes], Lisboa, Livros Horizonte.
- PEREIRA, José Carlos Seabra (2004) - *História Crítica da Literatura Portuguesa [Do Fim-de-século ao Modernismo]*, Lisboa, Editorial Verbo.
- QUADROS, António (1982) - *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, Coleção Filosofia & ensaios, 2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores.
- SENA, Jorge de (1981) - *Estudos de Literatura Portuguesa*, Obras de Jorge de Sena, Edições 70.
- TEIXEIRA, António Braz e BOTELHO, Afonso (1986) - *Filosofia da Saudade* [coord.], Coleção Pensamento Português, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- TEIXEIRA, Luís Filipe B. (1997) - *Pensar Pessoa*, Porto, Lello Editores.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1996) - *A Saudade Portuguesa*, Coleção Filosofia & Ensaio, Lisboa, Guimarães Editores.

ZENITH, Richard (2008) - “Prefácio”, in, PESSOA, Fernando (2008) - *Mensagem*, 4ª ed., Cruz Quebrada, Oficina do Livro.